

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 28ª Aula: 27.10.2016

Assunto principal: A psicopatologia do casamento

Texto de referência: *Psicologia Simbólica Junguiana*, cap. XI.

Psicopatologia Simbólica Arquetípica – www.carlosbyington.com.br

O filme *Relatos Selvagens*, dirigido por Damián Szifron, com Ricardo Darín, Oscar Martínez, Leonardo Sbaraglia e outros no elenco, apresenta como questão central as “selvagerias humanas” vivenciadas e incorporadas no cotidiano. Assistimos aos sentimentos intensos de raiva, vingança e impotência serem atuados nas mais extremas ações e reações dos personagens ao longo da trama. O filme trata questões profundas de maneira tragicômica, pois quem nunca teve “vontade de matar” alguém que lhe traiu? Ou aquele motorista irritante que fica colado na traseira do seu carro? Quem nunca quis explodir o prédio daquela instituição que teima em lhe dizer que você tem muitas a serem pagas, das quais você nem faz ideia? Nesse sentido, *Relatos Selvagens* é atraente porque vemos os outros atuarem a Sombra que, geralmente, não atuamos, pois não ultrapassamos certos limites do nosso desejo. Há uma moral estabelecida para o convívio em grupo, à qual pessoas mais saudáveis se atêm. Já os personagens dessa trama, ao revelarem sem pudor sua Sombra com suas patologias, realizam seus desejos mais obscuros, como os vilões das telenovelas.

Do ponto de vista da Psicopatologia Simbólica Junguiana, o filme nos ajuda a compreender as funções e os símbolos estruturantes da personalidade como sendo normais ou patológicos, e como a Sombra atua por meio das fixações.

Para facilitar a compreensão do leitor, é importante fazermos uma breve menção a conceitos teóricos que orientaram a interpretação deste filme. Estes conceitos são baseados na Psicopatologia Simbólica Junguiana, e dizem respeito aos tipos de defesas, estruturadas de acordo com sua gravidade, e consideradas aqui como a disfunção psicológica, o erro e o mal.

A defesa neurótica é aquela em que a patologia ocorre alheia à vontade da pessoa. Pode ser um gesto, uma reação emocional, uma atitude, um comportamento em que o aspecto sombrio (patológico) surja, mas sem que o indivíduo o deseje. É algo involuntário, que atinge a pessoa de modo autônomo, sem intenção.

Outra defesa é a psicopática, mais grave que a neurótica porque nela a Sombra abarca também a volição e a ética. Isto faz com que a defesa psicopática seja atuada deliberadamente, ou seja, é um ato voluntário. A diferença entre a defesa neurótica e a psicopática é reconhecida pelo Direito, que distingue o crime culposo do crime doloso. Ao estabelecer uma ética própria – transgressora e dolosa -, a pessoa “justifica” para si própria a defesa psicopática, e tenta convencer os demais da validade dos seus atos maléficis, patológicos, indevidos, destrutivos e até criminosos.

A defesa “borderline” é aquela em que a pessoa atua psicopaticamente a Sombra de uma maneira aparentemente psicótica para imitar e, ao mesmo tempo, evitar a defesa psicótica. Nela a pessoa atua a Sombra de modo bizarro, intempestivo, para depois voltar à (aparente) normalidade. Falta à pessoa uma constância nas reações e, por vezes, um estímulo insignificante funciona como a gota d’água que transborda o copo. As pessoas que convivem com uma pessoa com defesa borderline têm a sensação de caminhar em um terreno minado, prestes a explodir quando menos se espera.

A última das defesas descritas pela Psicopatologia Simbólica Junguiana é a defesa psicótica. Esta concepção teórica propõe a existência da polaridade Ego-Outro tanto na consciência como na Sombra, e distingue suas manifestações, denominando-os respectivamente Ego-Outro da consciência e Ego-Outro da Sombra. O primeiro conceito refere-se à noção de Ego como centro da consciência, sempre junto com o Outro. Já o segundo, refere-se polaridade Ego-Outro quando fixada por um complexo patológico, que, por isso, denomino Ego da Sombra. Na defesa psicótica, o Ego da Sombra atua seus conteúdos dominando o Ego da Consciência de maneira possessiva e absoluta. Nela não há tirocínio ou qualquer crítica vinda do princípio da realidade. O Mal é atuado sem qualquer autocrítica e a personalidade torna-se juridicamente inimputável.

Isto posto, passemos às considerações sobre o filme.

O desenrolar do filme se dá em seis histórias independentes, as quais abarcam os mais variados temas psicopatológicos de violência, como abuso de poder, traição, vingança, corrupção etc.

No primeiro enredo, de forma trágica e cômica, vislumbramos a atuação da defesa psicopática do ódio e da vingança. O personagem Gabriel Pasternak reúne, em um avião

pilotado por ele, todas as pessoas que considerava que lhe fizeram algum mal no decorrer de sua vida, com objetivo de se vingar. Pessoas que o desprezaram, humilharam, desqualificaram, abandonaram, ridicularizaram, traíram, desampararam, todas estavam lá: a professora primária, o chefe, o crítico de arte, o “amigo”, a namorada, o psiquiatra. Menosprezado ao longo de sua vida, sem condição de se afirmar, com baixa autoestima, ficou completamente fixado no ódio. Dominado por esta fixação, ele planejou e atuou o mal, derrubando psicopática e psicoticamente o avião e matando a todos.

Mas não atirou o avião em qualquer lugar. Buscou atingir seus pais, em que projeta seus descaminhos e a formação patológica de sua personalidade. O sentimento de culpa que o acompanhou vida afora, de acordo com o psiquiatra, provavelmente tem sua origem em suas relações parentais e, possivelmente, teve início na forma de uma defesa neurótica. A culpa crescente, que talvez tenha impedido a expressão da agressividade de modo saudável e extrovertido – colocando limites e elaborando seu sofrimento, por exemplo -, é atuada de modo defensivo na vingança planejada e executada psicopaticamente, e seu ódio explode defensivamente não apenas contra os outros, mas contra si próprio, de modo psicótico. Ele atua a Sombra, o Mal, volitivamente. Ao expressar a indiscriminação entre o Ego e o Outro, torna-se homicida e suicida a uma só vez.

Não podemos deixar de ressaltar a questão da frieza e pré-meditação do seu comportamento defensivo psicopático que passa a psicótico, no suicídio.

O mesmo não ocorre na segunda história, que apresenta o caso de uma jovem funcionária de uma lanchonete de beira de estrada que se depara com o homem que destruiu sua família, levando seu pai ao suicídio. Fica muito abalada ao vê-lo, pois muitas vezes fantasiara sobre o que faria se voltasse a encontrá-lo. O restaurante está vazio e apenas ela está trabalhando como garçonete. Em sua aflição, comenta o que está lhe acontecendo com a cozinheira, uma mulher mais velha e visivelmente embrutecida, que imediatamente sugere à jovem colocar veneno na comida do homem. A garçonete não aceita esta ideia, e reflete, com a cozinheira, sobre as consequências deste ato.

Vemos que a jovem possui o controle das suas ações. Embora a personagem ainda sofra pela situação que o homem lhe causou, e vê-lo frente a frente lhe traga uma emoção muito forte, ela não atua defensivamente esta emoção. Não a vemos tomada/roubada de si mesma, pois é o seu Ego que está no comando, o que nos coloca diante de uma elaboração normal da dor e da indignação. Sua vontade é controlada pelo Ego, que sabe as consequências de um assassinato.

Por outro lado, a cozinheira, que já havia estado na prisão (e que pelo pequeno relato nos deixa com dúvida sobre se ela possuía ou não traços psicóticos), atua pela garota,

matando o sujeito a facadas. A cena chega a ser chocante, não apenas pela violência do assassinato, mas pela forma como um conteúdo emocional de alguém representa um gatilho que dispara um complexo autônomo no outro, neste caso ativando uma defesa justiceira e psicopática. Ilustrando a defesa psicopática, vemos que a vontade dessa cozinheira está cooptada pela Sombra e a serviço dela. Neste sentido, a moral e a ética tornam-se defensivas e a psicopatia é atuada.

O terceiro enredo do filme começa com uma situação mais comum e cotidiana, e que aos poucos vai se tornando extrema por conta da sucessão de ações e reações das pessoas envolvidas.

Um homem jovem, sofisticado, dirige por uma estrada e em velocidade um carro moderno e de luxo. À sua frente encontra um segundo motorista, que dirige mais lentamente um carro mais simples e velho, que não o deixa ultrapassar, fechando seu caminho. Com certa insistência o jovem consegue ultrapassá-lo e lhe xinga. Até aí, sua reação pode ser vista como normal – se a compreendemos como uma reação pertinente de desagrado em função de o outro motorista querer propositalmente retardá-lo – ou neurótica, se entendermos que ele foi desproporcionalmente impaciente e agressivo. Temos, neste início de cena, também a reação do segundo motorista, que deliberadamente quer atrapalhar o primeiro, o que expõe sua defesa psicopática.

A cena continua e o jovem motorista continua confiante pela estrada linda, com muita natureza ao redor, ouvindo música, e dando impressão de tranquilidade e segurança. O que ele não esperava é que o pneu do carro novo pudesse furar, e deixa-lo à beira da estrada.

Obrigado a parar, tenta trocar o pneu, mas prefere telefonar pedindo ajuda. A estrada, além de muito bonita, é deserta, e nenhum carro passa para auxiliá-lo, até que se aproxima o carro do homem que ele havia ofendido minutos antes. Ele para o carro, mas não para ajudar, pois está fora de si, exaltado e violento.

Enquanto o primeiro personagem inicia o enredo tendo uma reação normal ou, no máximo, uma defesa neurótica, o segundo, como vimos, já se apresenta com uma defesa psicopática que, quando vê o outro em uma situação vulnerável, aproveita para atuar sua Sombra. Sente-se autorizado a realizar seus desejos destrutivos e agressivos assim que enxerga o carro parado. Ele depreda o carro, xinga o motorista, urina e defeca no para-brisa.

No início, quando o motorista agressor, um homem alto e forte se aproxima, o mais jovem fica assustado, se desculpa, mas vai cada vez mais percebendo-se indefeso e fica paralisado. Trava as portas de seu carro blindado e espera, em desespero, que o outro pare com o ataque violento e até bizarro.

A cena continua e então, depois que o homem enfurecido desconta sua raiva e prepara-se para ir embora, entrando em seu carro, o segundo sai da paralisia e fica possuído por em uma fúria cega que, rapidamente, irá se transformar numa atuação psicótica aguda.

Numa reação repentina e irracional, ainda que com o estepe do carro mal colocado, ele força e empurra o carro do outro, ribanceira a baixo. Dá a impressão que seguirá viagem, mas quando vê que o outro conseguiu sair do carro e alcançar a estrada, dá meia volta e joga o carro em cima do sujeito, para atropelá-lo.

Está formada a situação extrema de perda de controle e possessão psicótica. Cegos pelo ódio, o único objetivo é destruir o outro a qualquer preço, mesmo que isto signifique a autodestruição. A defesa psicopática dá lugar à psicótica, e os dois personagens sucumbem à violência totalmente sem limites. Em uma guerra de atuação de agressividade psicótica, o desfecho não poderia ser diferente.

A quarta estória narra a saga de um engenheiro responsável por implosões, morador de uma grande metrópole, que vive o cotidiano do trabalho, do trânsito, e das solicitações dos papéis familiares de marido e pai. Na correria do dia a dia, esforça-se para cumprir os compromissos familiares, nem sempre com sucesso. Há uma tensão subjacente em sua relação com a esposa, que nesse dia pede a ele para buscar o bolo de aniversário da filha. Sai apressado do trabalho, enfrenta trânsito, a esposa cobra sua presença, vai buscar o bolo e acha que é muito caro... enfim, coisas cotidianas que contribuem para aumentar seu estresse. Saindo da confeitaria, descobre que seu carro, estacionado em local proibido, havia sido guinchado. A sinalização da rua que indicava a proibição de estacionar estava apagada, e por isso não havia como ele saber que não poderia estacionar naquele local.

É obrigado a se dirigir ao órgão responsável pelo trânsito, enfrentar fila e pagar para liberar seu carro. Ingentemente, acredita que se contar a história para o funcionário, a multa será anulada e o local, sinalizado. Mas não é isso o que ocorre. O funcionário parece não escutá-lo, e apenas diz que não pode fazer nada e que ele deveria pagar a multa, se quisesse reaver o carro. O funcionário, que por sua vez tinha outras pessoas para atender, tratou-o como se ele fosse invisível, com um discurso impessoal, autocrático, burocrático e formal, sem sensibilidade alguma para ouvir ou tentar resolver a situação. Ao chegar em casa, a festa de aniversário da filha estava no final, a mulher discute com ele e pede a separação.

Novamente tem seu carro guinchado, e perde a cabeça. Dá um escândalo na repartição pública e acaba sendo preso, perdendo o emprego em função da repercussão pública do caso. Sem a esposa, sem emprego, sem conseguir se recolocar no mercado de trabalho, sem suportar as sucessivas frustrações, injustiças, desrespeitos e até maus-tratos, o engenheiro entra em desespero e a defesa neurótica – com destemperos emocionais intensos

– instalada até então, dá lugar à defesa psicopática, e ele planeja uma vingança. O planejamento de algo indevido, prejudicial, errado, ilegal, é típico da defesa psicopática – como já foi mencionado, esta estratégia defensiva coopta a vontade. Assim, prepara seu carro com explosivos e o estaciona em local sabidamente sujeito a guinchamento, para que ele fosse removido para o pátio onde ficavam os carros guinchados e lá explodisse. O filme revela que o crime do engenheiro é, de certa maneira, admirado pela população, que também se sente revoltada com a burocracia e vê nele a realização da “justiça com as próprias mãos”, no caso a defesa psicopática que muitos gostariam de atuar. Embora tenha sido preso, o Homem Bombinha, como ficou conhecido, passa a ser admirado e visto como “herói”, não apenas pelos outros presos, mas também pela esposa e filha.

O próximo enredo conta a estória de um adolescente rico que, ao sair bêbado de uma festa, acaba atropelando e matando uma mulher grávida. Covarde, não tenta socorrer a vítima. Foge direto para casa dos pais, onde mora. A casa é de alto padrão, assim como o carro que o rapaz dirigia na hora do acidente. Revelando um tipo de defesa psicopática muito comum dentre aqueles que acham que estão acima da lei porque tem dinheiro, os pais do rapaz encontram a “solução” do problema pedindo ao jardineiro, funcionário de muitos anos, que se faça responsável pelo ocorrido. Para tanto, oferecem grande quantia de dinheiro. Depois de relutar um pouco, o jardineiro aceita a proposta.

O advogado da família é chamado e, utilizando seus conhecimentos a serviço da defesa psicopática da família, e agora sua, planeja o que deverá ser dito aos policiais que já haviam descoberto o endereço do proprietário do carro. O investigador logo percebe a farsa e o suborno do jardineiro, mas entrando também ele na defesa psicopática, aceita receber dinheiro para fazer vistas grossas. É importante perceber a rede que vai se armando – formação de quadrilha! – ao redor da corrupção, da mentira, da armação, do desejo de cada um de levar vantagem e, ao mesmo tempo, parecer que está agindo corretamente, a serviço da lei e da justiça. Um culpado será encontrado e punido, mesmo que não seja o verdadeiro culpado. É a persona politicamente correta sobrepondo-se à verdade e encobrindo, disfarçando, a defesa psicopática, dinâmica infelizmente muito comum também, no Self cultural.

Confrontar a defesa psicopática é muito difícil, porque frente a frente, a pessoa que a emprega mente e não a admite. Por isso, a exposição é fundamental para esta estratégia defensiva. Há uma cena em que o pai do rapaz percebe que o advogado está mentindo também para ele, querendo mais dinheiro do que a soma exorbitante já exigida. E o jogo é aberto. O advogado havia dito um valor para o pai do rapaz e outro para o investigador da polícia. Quando isto é escancarado, o pai decide que não fará acordo algum, e que o filho

deverá pagar pelo que fez. É um laivo de consciência em meio à lama da corrupção, mas que não vai adiante, porque todos reagem baixando seus preços – inclusive o jardineiro, que retira o pedido extra de um apartamento. O lema geral parece ser: é melhor ganhar pouco do que nada.

É interessante nessa estória perceber que essa defesa psicopática inicia-se num Self individual (o adolescente), passa para o Self familiar (seus pais) e, depois abarca o Self social (jardineiro) e o cultural (advogado e polícia, como representantes da justiça e da ordem), expressando a Sombra na forma de covardia, abuso de poder, mentira, ganância e corrupção.

O adolescente, que em determinado momento mostra maior consciência que todos e, movido pela honestidade, quer assumir a culpa, não é apoiado pelos pais e tampouco por aqueles que deveriam zelar pela justiça e pela lei. A última defesa expressa no filme é a do marido da vítima, que tendo jurado de morte o assassino da esposa e do filho ainda não nascido, atua uma defesa psicopática – e psicótica – matando o jardineiro ao sair da casa, rumo à delegacia.

No último enredo o espectador assiste a uma grande festa de casamento, com grande luxo e riqueza. Os votos já foram feitos e a festa é mostrada em toda a sua pujança: entrada triunfal dos noivos, muita alegria, muita comida, bebida e música, tudo nos moldes de muitos casamentos das elites sociais. A exuberância e extravagância dessas cenas deixam entrever uma crítica ao exibicionismo, aos excessos e à alienação que marcam os rituais de união matrimonial de parte da elite social contemporânea. Trata-se da maior festa da nossa sociedade, na qual famílias ostentam seu poder financeiro e social (às vezes aparente) – muitas chegam a gastar mais do que podem! O casamento é vendido aos jovens de maneira ilusória como uma bênção, algo bom e simples, portador da felicidade. Ressalto que muitos são, assim, enredados em uma grande farsa familiar e cultural, que oculta as dificuldades da relação conjugal, da criação de uma família e da educação dos filhos.

Os jovens dessa estória estão imersos nessa ilusão e querem aproveitar a festa ao máximo, para marcar com ela a nova vida que iniciam juntos. Porém, em meio a essa felicidade toda, a noiva percebe os olhares e gestos que acontecem entre seu marido e uma colega de trabalho. Observa que o marido a trata com certa intimidade e que ela responde sensualmente. A noiva rememora cenas do passado, observa a situação presente e acaba por ter a comprovação, na chamada de um número de celular, da suspeita de que é traída. Esta constatação acontece junto com a dança dos noivos, e a primeira reação da noiva é neurótico-depressiva e agressiva contra si própria (introjeção defensiva).

Se o adultério é uma grande ferida narcísica, o que dizer de ele ser descoberto na festa de casamento? Neste momento de grande pressão psicológica, a noiva passa da defesa

neurótica agressiva e depressiva para uma defesa agressiva e suicida psicótica. A raiva, frustração e o desespero a possuem e ela, subindo até a laje do prédio, mostra intenção de se atirar. No entanto, um garçom que estava lá fumando, a impede, conversando com ela. Em seu desespero, sentimento de rejeição, vazio existencial, tendo perdido o chão, a acolhida que recebe do garçom faz com que ela o olhe de modo diferente. Ele é o salvador, aquele que lhe traz de volta à vida, e ela acaba por beijá-lo e eles acabam por fazer sexo ali mesmo – a jovem, numa mistura de defesa neurótica (o desespero, a dor) e psicopática (desejo de vingança e ódio), e o garçom, psicopaticamente aproveitando a oportunidade.

O marido, que havia corrido atrás dela, chega ao alto do prédio acompanhado de um convidado e vê a cena de sexo entre sua esposa, vestida de noiva, e o garçom. O marido tem uma reação neurótica de indigestão, e vomita. Ela, por sua vez, é possuída pela defesa psicopática e fala coisas terríveis, planejando vingar-se dele transando com todos os homens que puder e tirando dele todos os seus bens, sem pedir o divórcio, até destruí-lo.

A confusão se instala no salão, para onde voltam os noivos. A jovem passa a atuar sua agressividade psicopaticamente e até psicoticamente, num grau crescente de patologia. Há vários desdobramentos: brigas de família, desmaios, tapas, sangue, inclusive envolvendo a mãe do noivo. Por fim, quando a noiva se exaure e literalmente cai por terra, o noivo aproxima-se dela, estende-lhe a mão e, juntos, se recompõem. Olham-se de maneira, diferente, exaustos e feridos, se perdoam e dão conta de seu verdadeiro amor. Eles se abraçam, se beijam e transam em meio aos convidados e à música que reinicia.

Pode-se dizer que as vivências desse jovem casal abriram o canal do verdadeiro amor para que as defesas neurótica, psicopática e psicótica fossem atuadas, causando sofrimento terrível a ambos, mas destruindo a falsa persona social e atingindo a redenção da alienação em que viviam. O Mal deve ser reconhecido e confrontado para que possa ser elaborado. Neste caso, ainda que de modo caricato, o casal permitiu que um pudesse ver e acolher a Sombra do outro, num exemplo de simetria e, finalmente, respeito. É o Arquétipo da Alteridade, que está na base de relações não hierárquicas, emergindo e deixando a todos a mensagem de que a realização do amor no casamento passa necessariamente pela importante elaboração da Sombra individual, conjugal, familiar e cultural!

Para as próximas aulas, a 29ª e a 30ª, peço que releiam os capítulos XI (Alteridade) e XIII (Teoria Arquetípica da História), da Psicologia Simbólica Junguiana.

Nosso tema será ilustrado pelo filme *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli (1977).

Boa noite a todos e até quinta-feira.